

LEITURA POÉTICA DE “O VELHO E A FLOR”, DE VINICIUS DE MORAES

Jéssica Rodrigues Souza (UESB)
jessicaaleluia20@gmail.com

RESUMO

O presente artigo tem como material de análise o poema “O Velho e a Flor”, de Vinicius de Moraes. O objetivo do trabalho é desenvolver uma análise do poema a partir dos pressupostos teóricos da análise do discurso francesa. Considerando-se com Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi (2002, p. 75) que a função-autor é “das dimensões do sujeito, a que está mais determinada pela exterioridade – contexto sócio-histórico”, objetivamos examinar de que maneira as condições sócio-históricas, ideológicas intervieram no processo de produção do poema; como esses aspectos se presentifica na materialidade analisada? Quais os posicionamentos ideológicos materializados na produção de Vinicius de Moraes. O percurso metodológico será desenvolvido por meio de pesquisa de cunho bibliográfico, partindo do contexto sócio-histórico-ideológico de emergência da produção. Assim, ao propor uma leitura de “O Velho e a Flor”, acredita-se em possibilidades de leituras, essas que não se encerram na construção do referido objeto de estudo, mas que possibilitarão ao futuro graduando desenvolver sua própria linha de pesquisa científica, contribuindo desse modo, para que ele seja atuante tanto no mundo acadêmico, como também fora do âmbito institucional.

Palavras-chave: Análise do discurso. Capitalismo. Linguagem. Ideologia. Língua.

ABSTRACT

This article has as its analysis material the poem O old and the flower, by Vinicius de Moraes. The aim of this paper is to develop an analysis of the poem based on the theoretical assumptions of French Discourse Analysis. Considering with Orlandi (2002, p. 75) that the author-function is “of the dimensions of the subject, which is more determined by the exteriority - socio-historical context”, we aim to examine in what way the socio-historical, ideological conditions intervened in the production process of the poem; How are these aspects present in the materiality analyzed? What are the ideological positions materialized in the production of Vinicius de Moraes. The methodological path will be developed through bibliographic research, starting from the socio-historical-ideological context of production emergence. Thus, by proposing a reading of O Velho and the Flor, we believe in possibilities of reading, which do not end in the construction of the referred object of study, but which will enable the future (undergraduate) to develop their own line. of scientific research, contributing in this way, for him / her to be active both in the academic world, as well as outside the institutional scope.

Keywords: Speech analysis. Capitalism. Language. Ideology. Language.

1. Introdução

Este artigo apresentará uma leitura de “O Velho e a Flor”, de Vinicius de Moraes. A proposta de leitura possibilita um direcionamento para a temática apresentada. Uma abordagem que pode gerar as mais diversas leituras, e por justamente serem infinitas que se tornam importantes contributos para a pesquisa científica. A pesquisa é uma aliada para o crescimento e desenvolvimento dos futuros graduandos. Uma ferramenta capaz de tornar esse estudante participante ativo, tanto no âmbito institucional, como também fora desse espaço acadêmico.

Considerando-se com Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi (2002, p. 75) que a função-autor é “das dimensões do sujeito, a que está mais determinada pela exterioridade – contexto sócio-histórico”, objetivamos examinar de que maneira as condições sócio-históricas, ideológicas intervieram no processo de produção do poema; como esses aspectos se presentificam na materialidade analisada; quais os posicionamentos ideológicos materializados na produção de Vinicius de Moraes.

Por esse propósito e em vista das considerações apresentadas, este estudo organiza-se da seguinte forma: inicialmente faremos uma breve descrição do material selecionado para análise. Em seguida tentaremos identificar aspectos referentes às condições sócio-histórico-ideológicas presentificada na materialidade em estudo, discutindo como o sujeito-autor, na forma como organiza os elementos da tessitura discursiva, expõe elementos que definem seus posicionamentos em relação à temática tratada na sua produção.

Antes, porém, de iniciarmos o processo de análise, apresentaremos aspectos referentes ao campo teórico que fundamentará a análise que realizaremos.

2. Análise do discurso francesa

A análise do discurso surgiu na França, tendo como fundador Michel Pêcheux (1938-1983). Um teórico que, como tantos outros, foi influenciado por dimensões sociais e políticas na constituição de suas proposições.

A partir das referências de Georges Canguilhem e Louis Althusser, Michel Pêcheux reflete sobre a história da epistemologia e da filosofia do conhecimento empírico, tendo por objetivo reorganizar o campo do

conhecimento e levantar questões acerca da Linguística e das Ciências Sociais.

Nessa perspectiva, segundo Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi (2005, p. 10) o que de fato a proposta pecheuxiana procurava era questionar o esquecimento da historicidade da linguagem pela linguística e a evidência da transparência da linguagem sobre a qual se assentavam as ciências sociais. Com isso, Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi (2002, p. 16) evidencia que a análise do discurso acaba criticando a prática das ciências sociais e da linguística, fazendo uma reflexão sobre o modo como a linguagem está materializada na ideologia e como essa se manifesta na língua.

Nesse trajeto ainda é destacado uma influência althussero-lacaniana em que desconstrói alguns aspectos das teorias objetivistas e subjetivistas e propõe assim uma aproximação entre ideologia, discurso e subjetividade. Michel Pêcheux destaca também a concepção de língua operada por Ferdinand de Saussure. Essa compreendida como “[...] sistêmica, objetiva e coletiva [...]” (SANTOS, 2013, p. 212). Segundo Michel Pêcheux (1993, p. 62), a língua enquanto sistema deixa de ser entendida como tendo a função de exprimir sentido. Nessa linha de raciocínio, o autor salienta que “o texto” passa não interessar à linguística, visto que esse não possui funcionalidade, mas sim o que funciona para tal área do conhecimento é a língua.

Desse modo, conforme Michel Pêcheux (1993) a linguística deixa lacunas, em especial, no que diz respeito ao sentido. E por não conceber a língua como instrumento comunicativo, o autor propõe que se rompa com tal concepção instrumental da linguagem e que se elabore “teoricamente, conceitualmente e empiricamente” uma concepção acerca do discurso.

Segundo Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi (2002, p. 21), o discurso numa abordagem da análise do discurso, necessita ser compreendido nas relações de sujeitos e de sentidos, com efeitos múltiplos e variados entre seus interlocutores. Por essa razão, na análise do discurso, o sujeito não se refere ao “ser real, o indivíduo, o sujeito empírico, mas o sujeito do discurso, carregado de marcas sócio-histórico-ideológicas que se imagina como fonte de sentido”. (SANTOS, 2013, p. 229)

De acordo com Slavoj Žižek (1996, p. 147) “[...] não existe prática, a não ser através de uma ideologia, e dentro dela; não existe ideologia, exceto pelo sujeito e para os sujeitos”. Diante dessa concepção acerca da ideologia, pode-se inferir que ao falar do sujeito da análise do discurso,

esse remete à definição do sujeito da psicanálise, especificadamente, na condição do inconsciente estruturado como linguagem.

Deste modo, a ideologia pode ser considerada na constituição do sujeito e dos sentidos, visto que o indivíduo se encontra interpelado em sujeito pela ideologia para que assim se produza o “dizer”. Na perspectiva de Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi (2002, p. 30) os dizeres são efeitos de sentidos produzidos em condições determinadas, deixando assim pistas para se compreender os sentidos produzidos.

Nesse contexto, a ideologia não será modo de ocultação, mas sim função da relação necessária entre linguagem e mundo. Uma relação que se faz de tal maneira, que para haver sentido, torna-se necessário que a língua enquanto sistema sintático “passível de jogo de equívoco, sujeita a falhas se inscreva na história” (ORLANDI, 2002, p. 47). O sentido desse modo acontece pelo gesto de interpretação. Tal gesto é a marca da subjetivação, e ao mesmo tempo, um traço da relação “da língua com a exterioridade”, visto que não há discurso sem sujeito, muito menos sujeito sem ideologia. Nessa perspectiva, a ideologia “[...] enquanto prática significante[...] aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido[...]”. (ORLANDI, 2002, p. 48)

Por essa perspectiva, a análise das condições de produção dos discursos impõe-se como procedimento essencial para o analista. As condições de produção de acordo com Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi (2002, p. 30), compreendem fundamentalmente os sujeitos e as situações”, sendo que essas resultam de um acionamento da memória, aparecendo em dois níveis: estrito e amplo.

As condições estritas ou contexto imediato de produção somente garantem seus efeitos de sentido nas condições mais amplas de produção. Tais condições amplas de produção remetem ao que chamamos de memória discursiva. E por memória entende-se “um conjunto de dizeres já expressos que são base de todo dizer”. (SANTOS, 2013, p. 219)

Essa memória integra o que se denominam de plano do intradiscurso e interdiscurso. O plano do intradiscurso, conforme Jean-Jacques Courtine (*apud* ORLANDI, 2002) seria uma formulação do que está sendo dito numa dada ocasião, em condições específicas. Claro que o intradiscurso perpassa pelo interdiscurso a todo instante, visto que o saber discursivo vai se constituindo no decorrer da história e assim vai produzindo dizeres, juntamente com a memória, que torna o referido “dizer” possível para determinados sujeitos em uma situação marcada. Essa que representa,

desse modo, o interdiscurso.

O interdiscurso refere-se à memória como modo de constituição do sentido. Nessa perspectiva, Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi (2002, p. 31) afirma que a memória “disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação dada”. Esses dizeres produzidos pelos sujeitos estabelecem-se na tensão entre processos parafrásticos e processos polissêmicos em relação ao interdiscurso.

Segundo Pedro de Souza (2011, p. 65) a polissemia é o dizer que pode ser formulado de maneira idêntica, no entanto se expõe de forma a produzir uma ruptura com os locais já estabelecidos de sentido. Já a paráfrase “consiste em produzir mecanismos de controle da instabilidade interdiscursiva”. Ou seja, parafrasear seria “dizer posicionado sempre no mesmo lugar da memória discursiva”.

Para Pedro de Souza (2011, p. 66) a polissemia e a paráfrase seriam os modos de relações dos sentidos que se mostram na forma de funcionamento da linguagem em ação no processo discursivo. Os sentidos são mostrados ou pela diferença ou semelhança, no entanto a possibilidade do sentido ser produzido numa dessas duas relações já estava prevista na história e na maneira como a língua se escreve nessa história. Isto significa afirmar que “o dizer” pode tanto ocorrer na forma de convergência (o mesmo) ou divergência (o diferente). Conforme Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi (2002, p. 39), “Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis”.

Todavia, para que essas relações se efetivem é necessário que se leve em conta alguns fatores. Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi (2002) explica que um deles é a relação de sentido, em que todo discurso acaba se relacionando com outros. E o outro fator é a questão da antecipação, na qual o sujeito pode se colocar no lugar de seu interlocutor, de modo a perceber quais efeitos de argumentação deseja proporcionar com o referido discurso. E por último, têm-se as relações de força que se referem ao lugar a partir do qual o sujeito fala. Um exemplo são as palavras de um docente. Essas que não teriam o mesmo significado, caso o professor assumisse a voz de um aluno.

Tais fatores englobam o que se denomina de formações imaginárias. As formações imaginárias são compostas pelos “já-ditos, pelo saber de cada sujeito acerca de uma situação histórica determinada” (ELIAS et.al, 1999)”. Nessa vertente, Michel Pêcheux (1993, p. 85) considera que “as diversas formações resultam, elas mesmas de processos discursivos

anteriores (provavelmente de outras condições de produção) [...]”. Por essa razão, ao inserir o sujeito numa situação histórica determinada, muitas vezes eles mudam de posições, por justamente se encontrar atravessado pelos “já ditos”. Desta forma, pode-se entender que o sentido não existirá em si mesmo, mas sim será determinado por meio das posições colocadas em jogo no processo sócio-histórico.

Essas posições englobam a definição de formação discursiva, sendo definida conforme Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi (2002, p. 43) “como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada- determina o que pode e deve ser dito”. Neste viés, observa-se que as formações discursivas atuam como “regionalizações do interdiscurso”, pois disponibiliza dizeres, determinado, pelo já dito. Tais formações que não devem ser pensadas como blocos homogêneos que funcionam de maneira automática, mas sim como heterogêneas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações.

Dentro dessas relações que constituem a formação discursiva, têm-se o que se denomina de noção de metáfora. A metáfora na análise do discurso basicamente significa “transferência”, estabelecendo assim, a maneira como as palavras significam. Na visão de Michel Pêcheux (1975) é por meio dessa transferência que os elementos significantes se confrontam, de modo a se revestir de um sentido.

Considerando os aspectos apresentados ao longo do texto, nessa perspectiva, a análise do discurso procurará sentido na sua materialidade linguística e histórica. E a língua fazendo parte desse funcionamento ideológico terá em sua materialidade esse jogo. E a história, por sua vez, se organizará em memórias discursivas.

Após a apresentação deste arcabouço teórico, passaremos à próxima seção em que iremos descrever e analisar as condições sócio-histórico-ideológicas do poema de Vinícius de Moraes.

3. O poema “O Velho e a Flor”

O poema “O Velho e a Flor”, de Vinicius de Moraes aborda a história de um sujeito que andava a procura de respostas sobre o que é o amor. Frustrado por não obter a resposta almejada, queria desistir dessa busca incansável, pois já se via sem esperanças, chegando ao ponto de desejar até morrer por não saber o que realmente era o amor. No entanto, nessa

sua caminhada, apareceu de forma repentina um velho segurando uma flor na mão, e dando assim a resposta que esse sujeito tanto queria ouvir.

A referida produção, como todo texto, perpassa por condições de produção, envolvendo sujeitos e uma determinada situação (contexto imediato e as condições sócio-histórico-ideológicas). Nesse sentido, observa-se que o sujeito responsável por produzir o discurso do poema é o próprio escritor Vinícius de Moraes. Um autor que se encontra constituído historicamente, filiado a certas instituições e ideologicamente situado no tempo e no espaço.

Vinicius de Moraes foi um escritor, poeta, dramaturgo e compositor. Um autor que se encontrou inserido numa sociedade do século XX. Um período em que estava ocorrendo no Brasil um movimento denominado de renovação das artes, que ficou conhecido como Modernismo. O Modernismo foi composto por três fases: Heroica (1922-1930), de Consolidação (1930-1945) e Pós-Modernismo (a partir de 1945). No entanto, Vinicius de Moraes esteve situado na segunda fase do Modernismo, denominada de Consolidação.

A fase de Consolidação foi considerada como conturbada, devido ao impacto que a sociedade da época sofreu com a crise de 1929. Essa crise foi referente a um colapso que ocorreu com o sistema econômico internacional e que acabou acarretando grandes consequências, tais como, as paralisações das fábricas, a ruptura das relações comerciais, as falências bancárias, o alto índice de desemprego, a fome, a miséria, o agravamento das questões sociais, dentre outros fatores. Ao mesmo tempo, essa crise gerou um avanço dos partidos socialistas e comunistas, provocando dessa maneira, choques ideológicos, sobretudo, com as burguesias nacionais que passaram a apoiar um Estado autoritário, baseado em um Estado fascista.

Nessa segunda fase, houve um interesse do poeta em aproximar sua poesia com temas do mundo real. O escritor acabou se interessando por temas do cotidiano, utilizando-se de uma linguagem simples, contudo direta para denunciar os problemas sociais.

Em “O Velho e a Flor”, observa-se que o poema pertence ao gênero poesia, sendo constituído de versos e estrofes, e tem por finalidade denunciar o desconhecimento por parte de muitas pessoas da concepção de amor explicitada pelo velhinho.

Embora o poema não possua uma data específica de quando foi publicado pela primeira vez, foi possível situá-lo nessa segunda fase do

modernismo, visto que um dos seus representantes é o próprio Vinicius de Moraes e um dos principais objetivos dessa fase era justamente denunciar os problemas sociais ocorridos na referida época.

As principais marcas modernistas dessa segunda fase que se encontram evidenciadas nessa produção são a exploração da temática cotidiana e a apresentação da realidade social. Além disso, o poema possui uma linguagem coloquial e constitui-se de uma estruturação não fixa das estrofes, ou seja, as duas primeiras se organizam em três versos e a terceira em cinco versos.

Também, pode ser observado no poema, que “quem fala” num primeiro momento é o sujeito que está em busca de respostas sobre o que é o amor. Em um segundo momento é o velho que assume a fala, explicando para o referido sujeito o que de fato em sua concepção seria o amor.

Tais sujeitos que são sociais, encontram-se representados no poema pela figura do “eu”, do poeta, do rei e do velho. Esse “eu” seria uma pessoa que compartilha da concepção de amor explicitada pelo velho. Já o poeta e o rei são duas representações vistas por esse “eu” e tidas como possíveis possuidoras de resposta acerca do amor, pois o poeta, evidencia por meio dos versos os anseios de seu povo, bem como suas próprias dores pessoais. O rei, por sua vez, possui a função social de garantir os interesses de um povo, cuidando de sua população e tendo em vista, a satisfação dos seus habitantes. Contudo, ambas as personalidades não conseguiram dar a resposta almejada pelo referido “eu”.

O único que soube responder a indagação desse “eu” foi o velho. Um ser experiente, que viveu em outro momento histórico. Os “velhos” nas sociedades primitivas, eram concebidos como objetos de veneração. Os jovens, nesse contexto, iam à sua procura em busca de conselhos, sendo tais figuras respeitadas e tidas como sábias. Na China, por exemplo, pregava-se que todos os integrantes de uma família deveriam obedecer aos mais velhos. No geral, as sociedades da antiguidade consideravam o estado de velhice como sendo algo dignificante.

Vinicius de Moraes evidencia em seu poema a questão do amor puro e desinteressado, que estaria presente no carinho, no respeito, na questão de saber conviver com as diferenças do outro e na amizade de apoiar seus semelhantes mesmo diante das dificuldades, demonstrando que são pouquíssimas as pessoas que possuem e já viveram a sensação de amar ou ser amado, e que apenas o velho, que era antigo e experiente, sabia da resposta.

O velho é um ser que já viveu muito ao longo de sua trajetória. Logo sua representação, como foi evidenciado acima, remete para um tempo passado em que envelhecer era considerado uma etapa natural, na qual o idoso era detentor dos mais vastos conhecimentos e talentos que poderiam auxiliar as gerações futuras.

Desse modo, o poema estaria direcionado para todas as pessoas que ainda desconhecem a concepção de amor do velhinho, sendo estas, considerando as gerações futuras: os jovens. Pessoas que em sua maioria não reconhecem mais as experiências vividas pelos mais velhos, devido, provavelmente, a inversão de valores que são provocadas dentro da sociedade, ou seja, passa-se a julgar o homem pela sua capacidade de produção, mais próxima do jovem, e ao idoso começa a restar um lugar de exclusão, marginalização e improdutividade.

O valor de ser velho acaba sendo perdido dentro da sociedade, e consequentemente desvalorizado. E no poema, isto pode ser observado, visto que o sujeito poético teve que percorrer um extenso caminho até encontrar a resposta acerca do amor que tanto queria ouvir, essa que justamente foi dada pelo velhinho.

Nessa perspectiva, pode ser depreendido, considerando o conceito de amor, que esse passou por diversas mudanças, produzindo efeitos nas sociedades. E um desses efeitos, advindos com o progresso moderno, foi a questão de as pessoas irem de encontro à concepção de amor explicitada pelo velhinho no poema, e estarem cada vez mais imersas a um amor capitalista, que tornam os indivíduos, seres sem coração e sem amor pelo próximo.

Após a apresentação da descrição e análise do poema “O Velho e a Flor”, de Vinícius de Moraes, passaremos à próxima seção em que apresentaremos a referida materialidade numa perspectiva da análise do discurso Francesa.

3.1. Leitura do poema sob a perspectiva da ad francesa

Considerando que o poema estabelece relações de sujeitos e de sentidos, nessa perspectiva, partindo de alguns conceitos da análise do discurso Francesa, será realizada a análise desta produção.

No que se refere à percepção e reconhecimento da materialidade linguística, pode ser observado que no poema há a presença das palavras

“flor” e pétalas”. Essas que se configuram como metáforas numa perspectiva da análise do discurso, visto que estabelecem o modo como irão significar, de maneira a estarem revestidas de sentido.

O uso da expressão “flor” indica a beleza que seduz e ao mesmo tempo exala seu perfume pelo caminho que perpassa. Em um sistema capitalista pode produzir uma sensação de deslumbre nas pessoas que querem adquirir determinados produtos. Esses que possuem um prazo estabelecido, visto que, igualmente às flores, murcham depressa, isto é, são fabricados com tempo de vida útil.

Nesse sentido, “as pétalas” também adquirem sua significação, visto que sua função é a de atrair. Uma atração que estando voltada para esse contexto capitalista envolve os indivíduos de forma a ludibriar e provocar fascínio chegando a transformar em amor um sistema que apenas destrói e corrompe a alma humana.

Um fascínio que desconstrói valores, tornando-se assim necessário adquirir a experiência do “velho” e perceber que a sociedade precisa estar constituída por princípios éticos e morais.

Sendo assim, de acordo com um determinado contexto e situação, o poema adquire significados, fazendo parte portanto, de uma memória discursiva. Essa que se encontra inscrita também numa história.

Nessa acepção, verifica-se que no primeiro verso – “*por céus e mares eu andei*” que o sujeito do poema percorreu um caminho extenso, indo em busca de respostas para saber realmente o que era o amor. Tal caminho que até hoje muitos não terminaram de trilhar.

No segundo verso – “*vi um poeta e vi um rei*”, observa-se que o sentido ocorre pela representividade dos sujeitos, visto que o poeta por ser um eterno sonhador vende sonhos e o rei por estar numa posição de monarca e cercado por bens materiais não dará as respostas que o sujeito do poema tanto deseja ouvir.

Nesta ótica, o poeta vende sonhos para aqueles que almejam comprar. Já o rei, devido a ser uma figura importante desse cenário necessita usar, frequentemente, desse poder da palavra para criar as estratégias mais necessárias e convenientes para assegurar seus próprios interesses.

Nos versos terceiro e quarto, “*na esperança de saber o que é o amor/ninguém sabia me dizer*”, observa-se uma relação necessária entre linguagem e mundo. Tal relação que emerge a partir das vozes ideológicas

presentes no discurso. Essas que não pertencem apenas a um sujeito, e sim, a vários sujeitos situados historicamente. Nesse viés, segundo Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi (2002, p. 48) a ideologia aparece como efeito dessa relação necessária do sujeito com a língua e da língua com a história.

Nesse contexto, não é somente o sujeito do poema que procura respostas sobre o que é o amor, como foi mencionado anteriormente, muitas pessoas ainda continuam trilhando esse percurso na atualidade.

No quinto e sexto verso – “*E eu já queria até morrer, /quando um velhinho com uma flor assim falou:*” quem assume a voz do discurso é o velho. Uma pessoa experiente que já viveu muito e conhece mais da vida. Uma experiência que foi adquirida ao longo dos anos de sua história constituindo assim o saber discursivo. Um saber que torna possível para o “velho” a produção de dizeres justamente com a memória nessa situação marcada. Uma marcação que pode ser observada a partir da utilização da forma verbal “falou”, visto que o referido verbo remete para um fato ocorrido e concluído num dado momento do passado.

Nos versos sétimo e oitavo – “*o amor é o carinho/ “é o espinho que não se vê em cada flor*” é mostrada uma possível forma de amar, evidenciando ainda, que quando há sentimento, mesmo sabendo da existência dos defeitos, tenta-se exaltar somente as qualidades.

Tal amor que acaba englobando a definição de formação discursiva. Essa que segundo Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi (2002, p. 43) encontra-se inserida a partir de uma “posição dada em uma conjuntura sócio-histórico dada”, na qual define o que pode e como deve ser dito.

Nos últimos três versos - nono, décimo e décimo primeiro – “*é a vida quando” /chega sangrando/ aberta em pétalas de amor*”, verifica-se que as pessoas estão cada vez mais ficando distantes da concepção de amor propagada pelo velhinho no poema de Vinicius de Moraes.

Sendo assim, na leitura que foi realizada, o que se procurou foi proporcionar ao leitor uma possibilidade de leitura, pois as leituras são diversas e não se encerram com a produção do referido artigo.

4. Considerações finais

O artigo apresentou uma leitura do poema “O Velho e a Flor”, de Vinicius de Moraes, abordando a respeito da concepção de amor e

consequentemente sobre seus efeitos dentro da sociedade.

Uma produção textual que analisou o contexto sócio-histórico-ideológico do escritor Vinicius de Moraes, bem como as concepções teóricas referentes à análise do discurso.

Uma análise que não se esgotou em si mesma e, sim, a todo momento estabeleceu relações entre os interlocutores que constituíram poema. A partir disso, percebe-se que o texto se completa e se inter-relaciona, pois como foi possível perceber, essa busca desenfreada pelo o que é amor, em especial, pelo amor capitalista, não é um tema novo, mas algo que se encontra fortemente marcado ainda hoje em nossa sociedade, principalmente, no que se refere ao cenário político e econômico brasileiro.

Por fim, espera-se que este artigo tenha possibilitado um outro olhar acerca do poema, bem como tenha contribuído para que os leitores tivessem interesse a partir dessa proposta de leitura fazer estudos sobre a obra viniciano, pois como já foi mencionado ao longo do texto, as possibilidades de leituras são infinitas, e é justamente por essa razão que se faz necessária a pesquisa científica, como uma maneira de contribuir para que o graduando possa desenvolver a sua própria linha de ação e dessa maneira ser atuante tanto no mundo acadêmico, como também fora do âmbito institucional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANÁLISE de obras literárias. *Antologia poética – Vinicius de Moraes*. Disponível em: <<http://interna.coceducacao.com.br/AnaliseObrasLiterarias/downloads/AntologiaPoetica.pdf>>. Acesso em: 04-07-2019.

BACALOV, Luis Enrique; FILHO, Antônio Pecci; MORAES, Vinicius de. *O velho e a flor*. RGE: Tonga Editora Musical LTDA, 1971.

ELIAS, Vanda Maria et al. Entre o dizer o fazer: um exercício de análise do discurso. In: LEFFA, Vilson José; PEREIRA, Aracy Ernst. (Orgs.). *O ensino da leitura e produção textual: alternativas de renovação*. Pelotas: Educat, 1999, p. 109-128.

JORNALISTA Externo. *A evolução histórica da imagem do idoso*. Envelhecimento social. Disponível em: <<http://www.tribunapr.com.br/arquivo/vida-saude/a-evolucao-historica-da-imagem-do-idoso-envelhecimento-social>>. Acesso em: 04-07-2019.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 5. ed. Campinas: Pontes, 2002.

_____. Michel Pêcheux e a análise de discurso. *Estudos da Língua(gem)*. Vitória da Conquista, n. 1, junho. 2005. Disponível em: <www.estudosdalinguagem.org/index.php/estudosdalinguagem/article/viewFile/4/3>. Acesso em: 19-10-2016.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1993, p. 75-92.

_____. *Les vérités de la palice*. Paris: Maspero, 1975.

_____. *Semântica e discurso*. Trad.: Eni Orlandi et ali. Campinas: Unicamp, 1975.

PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. *O novo modelo brasileiro de desenvolvimento*. Disponível em: <http://www.bresserpereira.org.br/papers/1973/73-NovoModelo.pdf>

SANTOS, Sonia Sueli Berti. Pêcheux. In: OLIVEIRA, Luciano Amaral (Org.). *Estudos do discurso: perspectivas teóricas*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2013, p. 207-233.

SOUZA, Pedro de. *Análise do discurso*. Florianópolis: UFSC, 2011.

ZIZEK, Slavoj. (Org.). *Um mapa da ideologia*. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.